

CAPÍTULO V

Estratégias Museais e Patrimoniais Contribuindo para a Qualidade de Vida dos Cidadãos: diversas formas de musealização.

6

1 - APRESENTAÇÃO

Buscaremos apresentar uma reflexão sobre as estratégias museais, realizando uma análise, que será discutida, considerando que os museus e as práticas museológicas estão em relação com as demais práticas sociais globais, sendo, portanto, o resultado das relações humanas, em cada momento histórico.

Abordaremos alguns referenciais básicos, considerados significativos para o desenvolvimento da Museologia Contemporânea, que funcionam como vetores no sentido de tornar possível a execução de processos museais mais ajustados às necessidades dos cidadãos, em diferentes contextos, por meio da participação, visando ao desenvolvimento social.

Tomaremos como referencial a experiência vivida, nas áreas da Educação e da Museologia, destacando a importância da produção do conhecimento e a relevância da relação teoria-prática, apresentando o desenvolvimento de projetos que têm contribuído, de forma marcante, para a melhoria da qualidade de vida das pessoas envolvidas, tornando possível a construção de uma ação museológica, que visa à conquista da autodeterminação, reconhecendo, no patrimônio integral, um instrumento de educação e desenvolvimento.

⁶ Texto apresentado no VIII Atelier do Movimento Internacional da Nova Museologia, "Patrimônio e Juventude, Desafios para o Século XXI", realizado em Salvador-Bahia-Brasil, no período de 03 a 07 de novembro de 1999.

Por fim, buscaremos estabelecer as relações entre as diferentes formas de musealização, procurando destacar os princípios básicos que funcionaram como suporte para a sua aplicação, nos diferentes períodos e contextos, fazendo, também, um apelo à busca do intercâmbio, com base no respeito à diferença, ou seja às diversas formas de musealização, destacando a importância do surgimento de novos questionamentos e da construção de novos caminhos, por meio de um processo constante de aprendizado.

2 - MUSEOLOGIA CONTEMPORÂNEA: ALGUMAS REFLEXÕES

Nos últimos 30 anos produzimos e provocamos grandes transformações no campo da Museologia. Considerando que o fazer museológico é o resultado das relações humanas, em cada momento histórico, em relação com as demais práticas sociais globais, podemos, talvez, afirmar que a Museologia, em transformação, é resultado de um mundo em transformação. A contemporaneidade tem sido marcada por processos sociais ricos, no sentido de reconhecer a diversidade, o respeito à diferença e, sobretudo, por um forte apelo para que exerçamos a nossa cidadania, com a consciência de que podemos ser sujeitos da história. Talvez possamos afirmar que a ação participativa seja uma das características mais marcantes da contemporaneidade.

As inquietações ocorridas nos anos 60 abriram espaço para, posteriormente, se repensar o conceito de patrimônio e a relação do museu com a sociedade. Nesse contexto de buscas, reflexões e práticas museológicas até então desconhecidas, assistimos ao que, no nosso entender, tem sido a contribuição mais significativa para a Museologia, na contemporaneidade, a participação de diversos segmentos da sociedade na construção e reconstrução dos processos

museais. Das ações de contemplação, ou de apreciação de uma museografia que era planejada e executada somente por uma equipe técnica, que detinha o conhecimento sobre as coleções, partimos para uma ação integrada, por técnicos e sujeitos sociais, que visam apropriar-se e reapropriar-se do patrimônio cultural.

Entretanto, a contemporaneidade tem sido marcada, também, por contrastes, por avanços e recuos, que nos surpreendem, a cada momento, com a crescente produção de conhecimento, em diferentes áreas, como os até então inimagináveis avanços tecnológicos, e, ao mesmo tempo, nos deixam assustados com a falta de ética, com a violência, com os contrastes entre países e regiões de um mesmo país, com a concentração de renda entre um grupo de privilegiados, e, sobretudo, com a péssima qualidade de vida de vários segmentos da sociedade.

A participação, as inquietações com as práticas museológicas dissociadas dos anseios da sociedade e os marcantes contrastes desse mundo que estamos construindo têm nos estimulado a buscar soluções criativas, que têm contribuído, efetivamente, para a construção do conhecimento na área da Museologia, para se repensar o nosso campo de atuação e os nossos cursos de formação e, sobretudo, para construir processos museais que têm como objetivo principal, a partir das reflexões sobre o patrimônio cultural, a compreensão da nossa identidade cultural, em seu rico processo de construção e reconstrução, compreendendo-a como o suporte essencial para o nosso desenvolvimento social, e, conseqüentemente, para a melhoria da qualidade de vida. Compreendemos que a qualidade implica participação, conquista, em busca da autogestão, da democracia e da liberdade. A musealização é então processada na prática social - no interior do museu ou fora dele - em sua dinâmica

real, no tempo e no espaço, abordando a cultura de forma integrada às dimensões do cotidiano, ampliando as suas dimensões de valor, de consciência e de sentido.

Entretanto, é necessário registrar que os caminhos percorridos são os mais diversos, pois a realidade social é multidimensional, assim como os processos museais contemporâneos não estão dissociados das experiências passadas, pois estão em relação, e, conseqüentemente, em permanente reconstrução. Por isso, optamos por fazer uma análise sobre o tema proposto, a partir da experiência vivida, acumulada ao longo dos anos, pois estão em relação com as atividades desenvolvidas no momento presente.

3 – EDUCADOR-EDUCANDO, MUSEALIZANDO COM O OUTRO

Optei por fazer, neste item, uma reflexão sobre o meu caminhar, como museóloga- educadora-educanda- em busca de uma melhor compreensão das estratégias museais, utilizadas ao longo dos anos. Estamos considerando, como estratégia, os caminhos escolhidos para a concretização dos objetivos traçados, nos diferentes projetos. As estratégias representam, portanto, “as escolhas relativas às formas e aos instrumentos necessários para a realização do trabalho” (Tentório, 1997). Pretendo, com a análise aqui efetuada, e que será o suporte para o desenvolvimento do próximo tópico, lançar mais um olhar sobre os caminhos percorridos, tentando contribuir, a partir da experiência vivida, com o enriquecimento ao debate em torno do tema proposto. Solicito, pois, a compreensão dos senhores, no sentido de entender a análise da minha atuação profissional, ou seja, de História de Vida, como referencial para a compreensão do tema indicado para a presente Mesa redonda.

Ao iniciar o Curso de Museologia, na Universidade Federal da Bahia, em 1970, trazia uma formação de professora de 1º Grau e uma vivência de participação em grupos de “Juventude Estudantil Católica” que me proporcionaram os suportes necessários no sentido de indicar os caminhos que por mim deveriam ser percorridos, a fim de assumir o meu compromisso social. Ainda como estudante, a minha grande preocupação era trazer o público ao museu. Questionava: “Por que manter salas de exposições tão ricas, recheadas de objetos, se não havia uma utilização dos mesmos por parte da população?”. A solução para mim, talvez pela formação de educadora, estava na relação museu-escola. Já àquela época, delineava a minha área de atuação na Museologia e, posteriormente, quando passei a ministrar aulas no Curso de Museologia, não tinha a menor dúvida que atuaria com ação cultural e educativa dos museus. Dos Museus, sim, porque para mim, àquela época, a Museologia era a ciência dos museus, e a coleção era o vetor da ação por executar, com professores e alunos.

A minha experiência com alunos e professores foi então iniciada no Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia, quando os técnicos realizavam a pesquisa em torno do Histórico do Museu e das coleções, e em seguida, transmitiam as informações aos alunos e professores nas visitas guiadas realizadas pelos diversos grupos, nas várias salas do Museu, quando a ênfase era dada às características do monumento e dos objetos. Pretendia-se divulgar a instituição museu e o seu acervo, aumentar o número de visitas àquela instituição, torná-lo conhecido na comunidade escolar. Posteriormente, os programas foram evoluindo, em sua concepção, pois começou a haver uma busca da contextualização dos objetos, o que exigia uma pesquisa além do objeto, ou seja, características econômicas, sociais e políticas dos diversos períodos relacionados às

coleções. Passa-se a compreender o objeto como resultado das relações sociais que os produziram, em diferentes épocas e contextos. Busca-se a participação do aluno, utilizando diferentes técnicas de trabalhos em grupo, cujo objetivo principal era fazer com que, a partir da observação-percepção do objeto, o aluno pudesse compreender o estilo, a técnica utilizada e as características dos diversos contextos, em um determinado tempo e espaço. Trabalha-se com o professor, motivando-o a utilizar os conteúdos abordados, relacionando-os com os temas da sua disciplina, principalmente as disciplinas História e Geografia.

Ao longo do caminhar, percebemos que os objetos expostos nos museus poderiam ser utilizados, também, como referencial para a compreensão do presente. Nesse sentido, foram planejadas atividades, a partir dos temas das coleções, nas quais os alunos eram convidados a participar, realizando atividades práticas, contextualizando e construindo a relação passado-presente, com a orientação de técnicos.

Podemos considerar que os avanços ocorridos, nessa fase, em relação aos aspectos teórico-metodológicos dos diversos projetos, desenvolvidos e citados anteriormente, vieram, por conta das reflexões realizadas no mestrado em educação, que contribuíram, de maneira primordial para a melhoria do processo de aprendizagem por parte dos alunos com os quais trabalhava, fazendo com que eu também avançasse, como educadora, tanto em relação aos programas desenvolvidos com os alunos do 1º e 2º Graus, quanto em relação aos alunos do Curso de Museologia, não só no andamento da Disciplina Ação Cultural e Educativa dos Museus como nas atividades práticas do Estágio Supervisionado, pois todos os programas eram realizados com a participação dos estudantes matriculados nessa disciplina.

Quando fomos convidados para coordenar a montagem do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA, pelo então Reitor Macêdo Costa, a nossa concepção de museu era essencialmente educativa, e, portanto, a instituição deveria ser pensada, concebida, com esse objetivo. Nesse sentido, toda a museografia ou seja, a aplicação das ações de pesquisa, preservação e comunicação deveriam ser executadas com um fim educativo. Após a montagem da exposição para a inauguração do Museu, preocupados em aproximar ao nova instituição da comunidade do bairro, procuramos o Colégio Azevedo Fernandes, o maior situado na área, para iniciarmos essa ação de integração. O nosso objetivo era apresentar o Museu de Arqueologia aos professores e realizar um planejamento, com a participação dos mesmos, com o objetivo de adequar os conteúdos das disciplinas às coleções expostas no Museu. Após o contato com os professores fomos expor as nossas propostas para os alunos, e, para nossa surpresa, os mesmos manifestaram um grande interesse em estudar a história do bairro, registrando que, apesar de estudarem em uma escola situada em pleno Centro Histórico da Cidade do Salvador, jamais haviam recebido informações sobre a sua evolução histórica. A iniciativa daquele grupo nos motivou, a mim e aos estagiários do Curso de Museologia, a aceitar o desafio de, com a participação dos mesmos, pesquisar e construir uma metodologia que privilegiasse a participação, quando os temas abordados deveriam surgir do questionamento e do interesse dos alunos. Do planejamento à operacionalização, experimentamos o prazer do crescimento proporcionado pela possibilidade da criação compartilhada. A sugestão do tema, pelos alunos foi o vetor no sentido de nos mobilizar para realizar, pela primeira vez, no Curso de Museologia, um trabalho Museológico fora do espaço do museu- o patrimônio cultural da cidade foi o nosso objeto museológico.

Para analisarmos o contexto urbano como objeto museológico - portanto passível de ser musealizado- definimos a cidade como forma, como lugar de forças sociais, como imagem; a cidade como artefato, construída pelo homem, e socialmente por ela apropriada. Também, pela primeira vez, os professores das diversas disciplinas técnicas do curso, no estágio supervisionado, realizaram um projeto integrado, a partir de temas comuns: O Pelourinho e o Terreiro de Jesus. As ações de pesquisa, preservação e comunicação foram aplicadas ao fazer cultural local, com a participação dos alunos do Curso de Museologia e do 1º Grau, e integradas às diversas disciplinas do currículo do primeiro grau, das várias áreas de ensino. A ampliação do conceito de patrimônio possibilita, também, a sua utilização de forma interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar. (Santos, 1988).

Posteriormente, por iniciativa dos professores e alunos, trabalhamos com o acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA, analisando vários aspectos do fazer cultural do índio, a partir das coleções ali expostas e as questões indígenas no Estado da Bahia, inclusive os conflitos de terra. Naquela oportunidade, buscou-se, também, entender o museu no contexto do bairro, em relação com outros equipamentos, como a escola, as irmandades religiosas, as associações e outros museus locais.

Podemos considerar que esse processo interativo nos fez avançar, tanto na área da educação, como na área da Museologia. O processo de musealização do espaço urbano, realizado em interação com os alunos, professores e moradores locais, proporcionou a adoção de métodos e técnicas até então desconhecidos no Curso de Museologia, permitindo-nos avançar, não só em relação à aplicação das ações museais, em diferentes contextos, tendo como objeto de

estudo o patrimônio global, ou seja, o homem, o meio ambiente, o saber e o artefato, em suas dimensões de tempo e espaço, bem como em relação à construção de processos museológicos gestados a partir da interação com diversos sujeitos sociais. Aprendemos, na interação com o outro, a lançar um olhar museológico sobre a nossa cidade, a sair do museu, para entrar no museu e musealizar fora do museu. Nesse contexto, portanto, a museologia já estava sendo aplicada na relação com o homem, criador e transformador de cultura.

Do Centro Histórico passamos para o Rio Vermelho, outro bairro da Cidade do Salvador, novamente lançando mais um olhar museológico, em interação com alunos e professores do 1º Grau, realizando ações com professores das diversas disciplinas, a partir da observação e análise do patrimônio cultural local, embasados na experiência já desenvolvida com o Colégio Azevedo Fernandes e com a Comunidade do Pelourinho, e, dessa feita, deixando publicado material pedagógico para ser utilizado por professores de todas as áreas de ensino, a partir do tema “O Bairro do Rio Vermelho”. (Santos, 1990).

Essa História de vida profissional está sedimentada em nosso compromisso social, assumindo que somos capazes de agir e refletir, transformando a realidade. Assim, optei por realizar uma tese de doutorado, que tivesse como objeto de estudo a implantação de um Museu em um colégio público da Cidade do Salvador. (Santos, 1996). Mais uma vez, busquei sair do espaço fechado da universidade, evitando construir uma tese que fosse destinada somente à academia. Assumimos que há possibilidade de produzir conhecimento em todos os níveis de escolarização e que este conhecimento pode ser construído em uma determinada ação de caráter social, reconhecendo

o papel ativo dos observadores na situação pesquisada e dos membros representativos dessa situação.

Escolhemos para desenvolver a ação proposta, o Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, situado na Rua Prof. Souza Brito s/n^o, na Estrada do Farol, em Itapuã, em Salvador-BA, por possuir um Curso de Magistério. Pretendíamos, a partir das atividades, que seriam planejadas e desenvolvidas, em sala de aula, com professores, alunos e funcionários do referido curso, envolver professores e alunos do 1^oe 2^o Graus, bem como membros da comunidade local.

A escolha do Bairro de Itapuã como área-objeto de estudo deveu-se à necessidade de realizar um estudo sistemático, a partir da escola, envolvendo a comunidade local e buscando, através das ações planejadas com os diversos segmentos envolvidos, a compreensão e a reflexão sobre o seu patrimônio cultural, na dinâmica do processo social. Compreendo que essa escolha veio em decorrência do meu caminhar, ao longo dos anos, como educadora e museóloga. Foi o meu crescimento, na relação com os alunos e professores, e membros das diversas comunidades onde atuei, que proporcionou a base necessária para realizar um processo museal que antecedeu a existência objetiva do museu. Hoje, considero a ação museológica como uma ação educativa e de interação, que produz conhecimento e busca a construção de uma nova prática social. Portanto, a ação museológica é, por mim compreendida, como uma ação *educativa* e de *comunicação*.

Quanto ao acervo que está sendo musealizado, podemos identificá-lo como acervo **institucional** e como acervo **operacional**. O acervo institucional está sendo formado, gradualmente, levando-se

em consideração os contextos sociais e históricos, que as peças documentam, levantando-se as demais referências desses contextos, considerando-se valores modestos, anônimos, sem relevância estética, ou de ineditismo. Está sendo considerada de vital importância, nesse sentido, toda a produção cultural que se refira ao universo do cotidiano e do trabalho. No acervo **institucional** estão sendo, também, agregados materiais arquivístico e iconográfico, fotografias, plantas, maquetes, depoimentos e testemunhos de várias naturezas, bem como toda a documentação urbana disponível. Quanto ao acervo **operacional**, são considerados: a paisagem, estruturas, monumentos, equipamentos, áreas e objetos sensíveis do tecido urbano, socialmente apropriados, percebidos não só na sua carga documental, como também na sua capacidade de alimentar as representações urbanas.

Os recursos e fontes potenciais da comunidade e da Cidade do Salvador estão sendo utilizados em um processo contínuo de aprendizagem de jovens e adultos, tendo sido possível, também, compreender que, qualquer museu, independentemente da sua categoria e localização, pode trabalhar com os acervos institucional e operacional. Nos diversos projetos desenvolvidos, ao longo desses seis anos, tivemos a oportunidade de integrar, relacionar e aproximar objetos, coleções, patrimônio global, patrimônio instituído, sair do museu, voltar para o museu, considerando as diversas categorias existentes na Cidade do Salvador, buscando, na totalidade, compreender a Museologia como um processo, no qual as ações de pesquisa, preservação e comunicação, são aplicadas, tendo como referencial os objetivos e diretrizes definidos com a participação dos sujeitos envolvidos.

A problematização de temas, selecionados a partir do núcleo básico:

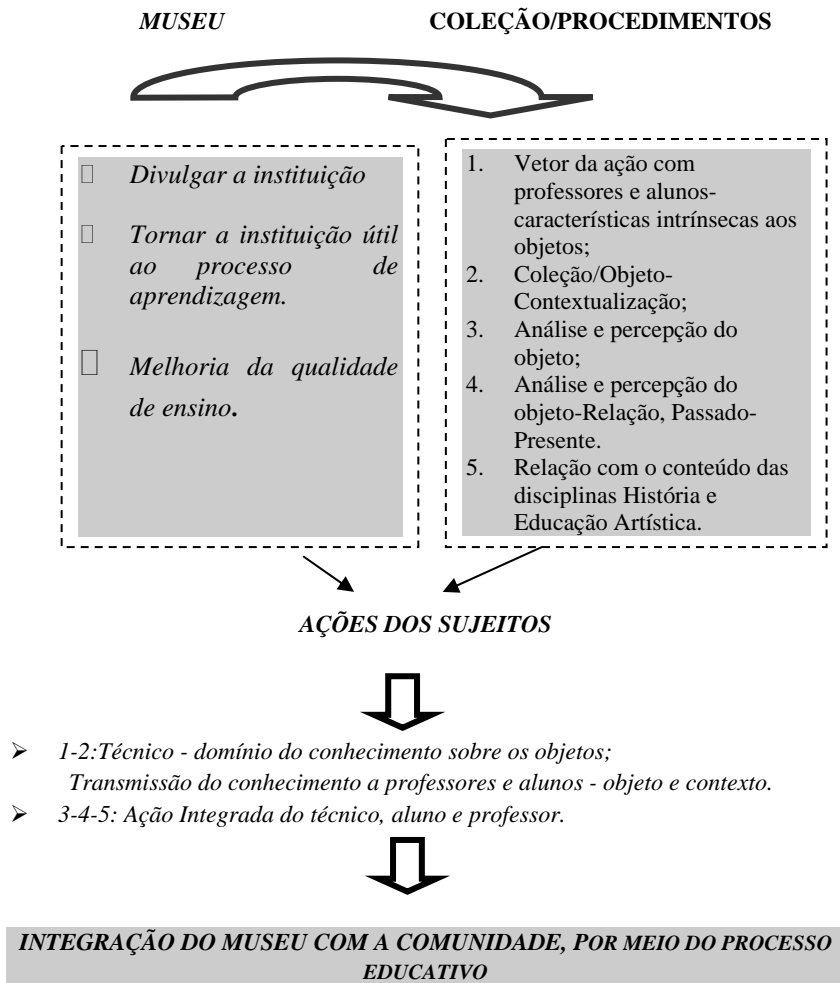
- **Identidade;**
- **Espaço;**
- **Tempo e**
- **Transformação,**

está possibilitando a aplicação das ações museológicas, submetidas a um constante processo de reflexão, ou melhor, de ação-reflexão, contribuindo, também, para que a Museologia e sua prática sejam questionadas e enriquecidas.

Nos esquemas apresentados nas páginas seguintes, realizamos uma síntese das concepções adotadas, em relação à missão, aos objetivos e à atuação dos sujeitos envolvidos, buscando facilitar a compreensão dos processos acima descritos.

CONCEPÇÃO (1)

PROCESSO MUSEOLÓGICO COM ÊNFASE NA COLEÇÃO, NO OBJETO

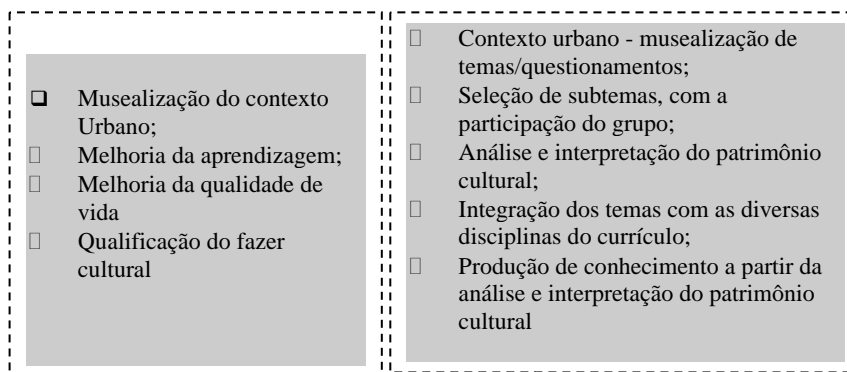


CONCEPÇÃO (2)

PROCESSO MUSEOLÓGICO COM ÊNFASE NA COLEÇÃO E NO CONTEXTO URBANO

**MUSEU/COLEÇÃO/
CONTEXTO URBANO**

**PATRIMÔNIO CULTURAL/
PROCEDIMENTOS**



AÇÕES DOS SUJEITOS

- *Alunos e professores indicando os temas a serem musealizados (iniciativa do grupo);*
- *Aplicação das ações museológicas com a participação de alunos, professores e membros da comunidade.*
-

MUSEALIZAÇÃO NO INTERIOR DO MUSEU E FORA DO MUSEU - DO MUSEU PARA O BAIRRO, DO BAIRRO PARA O MUSEU.

MUSEOLOGIA APLICADA NA RELAÇÃO COM O HOMEM, CRIADOR E TRANSFORMADOR DE CULTURA.

CONCEPÇÃO (3)

**PROCESSO MUSEOLÓGICO COM ÊNFASE NA RELAÇÃO/HOMEM/
PATRIMÔNIO CULTURAL**

**PATRIMÔNIO CULTURAL/
CULTURAL/
EXERCÍCIO DA CIDADANIA**

PATRIMÔNIO

PROCEDIMENTOS



- Musealização do fazer cultural local;
- Capacitação do professor;
- Melhoria do processo de aprendizagem;
- Melhoria da qualidade de vida;
- Relacionamento ético com o meio ambiente;
- Reconhecimento da pluralidade cultural;
- Reconhecimento do valor social do trabalho;
- Reconhecimento do patrimônio cultural como referencial para o exercício da cidadania

- Integração da escola com o Bairro e com a Cidade do Salvador;
- Escolha de Núcleos básicos temáticos: **identidade, tempo, espaço e transformação;**
- Seleção de temas/problemas, integração com todas as áreas-abordagem sistêmica;
- Qualificação do fazer cultural local;
- Análise e interpretação do patrimônio cultural, produção de conhecimento em todos os níveis de ensino;
- Aplicação das ações museológicas a partir dos acervos institucional e operacional;
- Aplicação das ações museológicas de forma integrada;
- Estruturação e organização de um museu, integrado ao processo educativo a partir da iniciativa do grupo;
- Utilização de outros museus e processos museais

AÇÕES DOS SUJEITOS



➤ *Sujeitos de todo o processo - Iniciativa, participação e autodeterminação*



**MUSEU EM PROCESSO: ESCOLA, TERRITÓRIO, POPULAÇÃO -
PATRIMÔNIO GLOBAL - MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA.**

4 – *ESTRATÉGIAS MUSEAIS*: CAMINHOS EM BUSCA DA QUALIDADE E DA PARTICIPAÇÃO

A partir das reflexões sobre os dados apresentados no item anterior, buscarei apresentar, nos itens a seguir, algumas estratégias utilizadas, a partir das concepções de Museologia adotadas, e já explicitadas, buscando uma melhor compreensão dos caminhos escolhidos para alcançar os nossos objetivos e a nossa missão, destacando desta feita, a forma e os instrumentos utilizados. As estratégias escolhidas foram respostas às ameaças, às oportunidades identificadas ao longo da execução dos diversos projetos, quando da análise dos diferentes contextos. Foram apontadas a partir do conhecimento acumulado, da criatividade, das conjecturas e da projeção dos participantes envolvidos nas diversas ações.

MUSEOLOGIA COM ÊNFASE NO OBJETO-COLEÇÃO ESTRATÉGIAS UTILIZADAS:

- Selecionar os objetos e as informações bibliográficas;
- Promover o aumento do número de visitantes ao Museu, através das visitas de escolares e professores;
- Utilizar os objetos como fonte de informação, através da visita guiada;
- Realizar palestras para professores e coordenadores;
- Treinar e capacitar o pessoal do Museu para trabalhar com o público;
- Escolher temas, a partir das coleções expostas, relacionando-os com os conteúdos das disciplinas;

-
- Preparar material didático, com a participação do professor;
 - Preparar instruções para realizar a leitura dos objetos;
 - Descrever as características e os elementos que compõem os objetos;
 - Comparar objetos entre si, destacando semelhanças e diferenças, a partir da observação dos alunos;
 - Converter o objeto em significante cultural-contextualização;
 - Preparar instrumentos para avaliação, e avaliar, continuamente;
 - Acompanhar o trabalho do professor, em sala de aula, fornecendo feedback para a equipe do Museu;
 - Levantar temas da atualidade, buscando realizar a relação passado-presente, estimulando os alunos a comparar estilos, formas, a contextualizar, a realizar conexões entre velho e novo, entre uma civilização e outra.

MUSEOLOGIA COM ÊNFASE NA RELAÇÃO HOMEM-PATRIMÔNIO GLOBAL

ESTRATÉGIAS UTILIZADAS:

- Promover a participação dos cidadãos-beneficiários⁷, realizando reuniões para definição da missão e dos objetivos a serem alcançadas;
- Delimitar um território, tanto em seus aspectos geofísicos como nos aspectos culturais;
- Constituir grupos de trabalho, buscando a definição de temas e de problemas e das estratégias a serem utilizadas, a partir da reflexão sobre o patrimônio cultural local, de acordo com o interesse e a iniciativa do grupo;
- Promover uma constante ação de comunicação entre os técnicos e os cidadãos-beneficiário;
- Buscar parcerias para apoio científico e financeiro;
- Promover a apropriação e a reapropriação do patrimônio cultural, por meio das ações museológicas de pesquisa, preservação e comunicação, tornando possível ao cidadão, desde a sua formação, considerá-lo como um referencial para o exercício da cidadania;
- Treinar o professor para o planejamento e a execução de projetos, tendo como referencial o patrimônio cultural;

⁷ Estamos nos apropriando do termo *cidadão-beneficiário*, proposto pelo Prof. Fernando Tenório, da EBA/FGV, para incorporar o conceito de cidadania à formulação, à implementação e à avaliação dos diversos projetos executados.

-
- Aplicar as ações museológicas, promovendo a interação entre as mesmas, de acordo com os objetivos estabelecidos;
 - Aplicar as ações museológicas de pesquisa, preservação e comunicação, com a participação dos cidadãos-beneficiários, socializando-as, partindo da heterogeneidade, o domínio do conhecimento sistematizado, para a homogeneidade, ou seja, o domínio desse mesmo conhecimento pelos grupos com os quais estamos atuando, buscando a troca e o enriquecimento;
 - Promover a gestão e a organização do Museu, com a participação dos grupos envolvidos;
 - Avaliar e reformular a estrutura organizacional do Museu, de modo a obter maior autonomia e flexibilidade;
 - Utilizar o patrimônio cultural como referencial para a realização de atividades pedagógicas, buscando a melhoria da qualidade do ensino;
 - Potencializar os recursos educativos da comunidade, realizando o intercâmbio necessário entre o ensino formal e o não-formal, um alimentando o outro;
 - Aplicar as ações museológicas, considerando como ponto de partida a prática social e não somente as coleções;
 - Promover a participação dos moradores locais nas atividades a serem desenvolvidas, contribuindo para a construção do conhecimento, a partir das suas histórias de vida, qualificando-as como parte do patrimônio cultural;

-
- Promover a formação de acervos, considerando o conjunto de bens dinâmicos, em transformação, em uma comunidade;
 - Processar a classificação e o registro dos dados coletados de acordo com as características das diversas realidades que estão sendo musealizadas, por meio da ação interativa entre os técnicos e os “cidadãos-beneficiários”;
 - Elaborar os instrumentos a serem utilizados na ação documental, de acordo com as características do acervo a ser musealizado, envolvendo os participantes na confecção e na aplicação da ação documental;
 - Promover a formação de atitudes preservacionistas, a partir da aplicação das ações de conservação, no cotidiano das pessoas;
 - Planejar e executar exposições, musealizando o conhecimento produzido em interação com os cidadãos-beneficiários;
 - Promover o intercâmbio com outros museus e processos museais em andamento, nos âmbitos local, nacional e internacional;
 - Buscar a coerência e a prática, evitando os disfarces, o modismo e o paternalismo;
 - Sistematizar os dados coletados, a partir das ações desenvolvidas nos diversos projetos, realizando um trabalho contínuo de ação-reflexão.

5- ESTABELECENDO RELAÇÕES, APROXIMANDO PROCESSOS

É impossível considerar os diversos processos apresentados como se fossem compartimentos estanques, parados no tempo e no espaço. Muito ao contrário, estão, e sempre estiveram, em relação. É assim que hoje, ao sair do Museu Didático-Comunitário de Itapuã para realizar um intercâmbio com outros museus da Cidade do Salvador, não podemos desprezar a experiência construída nos processos museais gestados e desenvolvidos com os acervos do Museu de Arte Sacra, com o Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA, com o Museu Eugênio Teixeira Leal, com o Museu de Arte Moderna e tantos outros, bem como com o contexto urbano do Centro Histórico da nossa Cidade. Acho mesmo que esse caminhar, enriquecido com o crescimento da produção do conhecimento na área da Museologia, ao longo dos anos, nos faz hoje considerar que é necessário reconhecer que há diferentes formas de se aplicar o processo museológico, assim como há diferentes formas de organizar e gerir museus, e que, a partir da nossa concepção de museologia, podemos retirar, de cada um, os recursos potenciais para a consecução dos nossos objetivos.

A missão e os objetivos definidos, bem como as estratégias utilizadas não estão condicionadas às categorias de museus com os quais estamos acostumados a atuar, porque somos nós que construímos a instituição e os processos museais. Portanto, missão, objetivos e estratégias são definidas a partir da nossa concepção de Museologia, refletida e enriquecida com a participação dos sujeitos envolvidos no processo de musealização.

A análise desse nosso caminhar nos indica que dois aspectos foram essenciais para a aplicação das diversas formas de

musealização apresentadas, tendo como objetivo maior a melhoria da qualidade de vida e o exercício da cidadania:

- Compromisso social (qualidade política);
- Instrumentação Científica e desafio tecnológico (qualidade formal).



A instrumentação científica forneceu o suporte necessário para que pudéssemos avançar, tanto em relação à definição dos objetivos a serem alcançados, como em relação à operacionalização dos diferentes projetos, colocando a técnica a serviço da sociedade, buscando as transformações possíveis, desejadas, sonhadas e alcançadas por meio da qualidade política, ou seja, do nosso compromisso social, na troca, no crescimento conjunto, buscando, cada vez mais o aumento da participação, o envolvimento dos cidadãos-beneficiários.

Constato que, nos diferentes processos descritos, quer seja construindo a ação a partir do objeto, da coleção, do contexto urbano, quer seja aplicando a ação museal, tendo como referencial a relação do homem com o patrimônio cultural, o que temos almejado, a nossa missão tem se dado, por meio **da Museologia e da educação, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida**. As estratégias utilizadas foram definidas a partir das características dos diferentes contextos, desafios apresentados e conquistas conseguidas, não podendo e não devendo ser consideradas como uma receita pronta.

Com certeza, ao realizarmos outras formas de musealização, as utilizaremos como referencial para a reflexão e ação, mas as circunstâncias, os diversos contextos, nos indicarão outras formas, ou seja, outras respostas às ameaças e oportunidades. Entretanto, os resultados alcançados a partir das estratégias utilizadas servirão como referencial para não cometermos os mesmos erros.

Consideramos que as práticas museológicas desenvolvidas ao longo dos anos com base nos princípios do “Movimento da Nova Museologia” têm contribuído, efetivamente, para o enriquecimento da produção do conhecimento em nosso campo de atuação e para a melhoria da qualidade de vida. Consideramos, também, como da maior urgência a quebra do isolamento, ou seja, a abertura dos museus instituídos e dos outros processos museais, no sentido de realizar o intercâmbio necessário, no respeito à diferença, buscando a troca salutar, o enriquecimento com a experiência do outro, o incentivo à criatividade e à abertura de novos caminhos. É inadmissível que após mais de 20 anos de experiências concretas, em diferentes contextos e países, com resultados divulgados e conhecidos pelos nossos pares, ainda estejamos vivendo em “feudos”, aplicando rótulos, nos recusando a enriquecer com a experiência do outro. O que está em jogo é o uso que estamos fazendo da Museologia. Por outro lado, estamos cansados de assistir à apropriação do discurso que não é coerente com a prática, dos falsos adeptos da Museologia dita social, quando, compreendemos que a Museologia propriamente dita implica **ação social**. Aprender com a diferença, sem camuflar os nossos propósitos é princípio básico da ética profissional.

As formas de musealização serão sempre renovadas, enriquecidas, desde que tenhamos iniciativa e a determinação necessária à abertura de novos caminhos. Com certeza, os problemas

nunca serão resolvidos de forma definitiva. O que temos realizado é resultado de um processo prolongado de aprendizagem que nos tem feito crescer, nos aspectos pessoal e profissional e que nos conduz a, junto com o outro, construir novos questionamentos e buscar novos caminhos.

Analisando esse caminhar profissional, que sempre esteve imerso de desejo, paixão e sonho, considero que a busca maior esteve sempre relacionada, como já foi explicitado no decorrer do presente trabalho, a um forte anseio de **promover, por meio da Museologia e da educação, o desenvolvimento social, visando a uma melhor qualidade de vida**. Qualidade que tem sido construída, geralmente, em contraposição às circunstâncias oferecidas, tentando diminuir as formas dadas de determinação externa, na construção diária, permanente, de um espaço de autodeterminação.

6 - BIBLIOGRAFIA

BARBIER, René. *A pesquisa-ação na Instituição Educativa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

Demo, Pedro. *Avaliação Qualitativa*. Campinas, SP: Autores Associados, 1995.

_____. *Educar pela Pesquisa*. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

_____. *Pobreza Política*. Campinas, SP: Autores Associados, 1994, p. 44.

_____. *Política Social, Educação e Cidadania*: Campinas, SP: Papyrus, 1996. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

Gestão de Ongs: principais funções gerenciais/ Fernando Tenório, org. _ 2. ed. _ Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1997.

HUGUES, Varine de. *O Tempo Social*. Rio de Janeiro: Livraria Eça Editora, 1987.

_____. A Respeito da Mesa-Redonda de Santiago. Comitê Brasileiro do ICOM. *A Memória do Pensamento Museológico Contemporâneo*. (documentos e depoimentos). 1995, mimeografado.

_____. Onde estamos? O que Devemos Seguir? (Texto apresentado na Conferência geral do ICOM) Quebec, 1992. Mimeografado.

KERRIOU, Miriam Arroyo de. El Museo y los Problemas Conceptuales de Patrimônio e Cultura... (Texto apresentado no Congresso Brasileiro sobre Patrimônio Histórico e Cidadania. São Paulo: 1991, mimeografado.

- _____. Los Museos en la Educación: por que y para que. (Texto apresentado no Seminário Latinoamericano y del Caribe, Museos, Educacion y Comunidad ICOM/CECA. 1991. Mimeografado.
- _____. La importancia del grupo en la Metodologia Promocional del Programa de Museos Comunitarios. 1992. Mimeografado.
- Mello, Guiomar Namó de. *Cidadania e Competividade: desafios do terceiro milênio*. SP: Cortez, 1996.
- MENDONÇA, Luís Carvalheira de. *Participação na Organização: uma introdução aos seus fundamentos conceitos e formas*. São Paulo: Atlas, 1987.
- RIVARD, René. *El Futuro da La Museologia. Cadernos de Museologia. Lima: Pontíficia Universidad Catolica del Peru. Museo de Arte Popular, 1989, p. 35*
- _____. El Museo Territorio. Cadernos de Museologia. Lima: Pontíficia Universidad Catolica del Peru. Museo de arte Popular, 1989, p. 41.
- _____. Que Le Musée S' Ouvre – ou une nouvelle muséologie: les écomusées et les musées ouverts. Québec, 1984 .mimeo.
- ROMANI, Dario. *Mi comunidad como Museo Vivente*. Mendonza: Ediciones Culturales de Mendonza. 1991.
- SANTOS, Maria Célia T. Moura. *Museu, Escola e Comunidade: uma integração necessária*. Salvador: Bureau Gráfica Editora, 1987, 215p. (patrocínio do Ministério da Cultura).
- _____. *Integrando a Escola ao Bairro*. Salvador: Instituto Anísio Teixeira - Secretaria de Educação. 1990. 129p.

- _____. *Processo Museológico e Educação: construindo um museu didático-comunitário*, em Itapuã. Salvador: UFBA, Faculdade de Educação, 1995. (Tese de Doutorado em Educação). Universidade Federal da Bahia.
- _____. *O Papel do Museu na Construção de uma “Identidade Nacional”*. Anais do Museu Histórico Nacional, V. 28. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1996.
- _____. *Processo Museológico e Educação: construindo um museu didático-comunitário*. Lisboa: ISMAG/UHLT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias). Centro de Estudos de Sociomuseologia. 1996.
- _____. *Repensando a Ação Cultural e Educativa dos Museus*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA. 1993. 2ª edição ampliada. 136p.
- _____. *Documentação Museológica, Educação e Cidadania. Ciência e Museu; Museu Goeldi/CNPq*, set. 1993 - 35-40.
- _____. *A Escola e o Museu no Brasil: uma História de Confirmação dos Interesses da Classe Dominante*. Cadernos Museológicos (3). Lisboa: Centro de Estudos de Sociomuseologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. 1994.
- _____. *A preservação da Memória Enquanto Instrumento de Cidadania*. Cadernos de Museologia (3) Lisboa: Centro de Estudos de Sociomuseologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. 1994.
- _____. *A Exposição Museológica: Reflexões Sobre os Pontos Críticos na Prática Contemporânea. Ciência e Museu. Anais do Simpósio “O Processo de Comunicação dos Museus de Arqueologia e Etnologia”*. Museu Goeldi/CNPq. (no prelo).
- _____. *Formação de Pessoal Para Museus, Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável - O Papel da Universidade*. Estudos de Museologia/Ministério da Cultura, Instituto do

- Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Departamento de Promoção. Rio de Janeiro: IPHAN, 1994.
- _____. O Papel do Museu na Construção de uma “Identidade Nacional”. Anais do Museu Histórico Nacional, V. 28. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1996.
- _____. Uma Abordagem Museológica do Contexto Urbano. Cadernos de Museologia (5) Lisboa: Centro de Estudos de Sociomuseologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. 1996.
- _____. Museu-Casa: Comunicação e Educação. Anais do II Seminário sobre Museus-Casas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1998.
- _____. Processo Museológico: Critérios de Exclusão. Anais da II Semana dos Museus da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP (Pró-Reitoria de Extensão Universitária), 1999.